

UM MISTÉRIO NANCY WHEELER

NETFLIX

STRANGER THINGS

SEJA COMO FOR

CAITLIN SCHNEIDERHAN

*Para os miúdos que pedem desculpa,
em vez de implorarem por autorização.*

————— CAPÍTULO UM —————

Vejamos o lado bom da coisa, morrer numa agência funerária tornava a limpeza e o transporte bem mais simples, pelo menos.

A Nancy Wheeler conteve-se e não disse isto em voz alta, enquanto permanecia nos escombros do que em tempos fora o átrio da Farrier Family Funeral Home. O feixe da lanterna iluminava os sofás de veludo tombados, uma camada espessa de pó e os destroços da parede do fundo, que havia ruído.

A Robin, por outro lado, não teve a mesma contenção.

— Se morrermos aqui dentro...

— Conveniente — interrompeu o Steve.

— Menos mal — disse a Robin, enquanto ela e o Steve passavam pela Nancy e avançavam sobre a alcatifa verde destruída.

— São uns verdadeiros raios de sol, estes dois — murmurou o Jonathan. O olhar dele percorria o espaço com uma cautela sensata, tendo em conta que os quatro tinham ignorado pelo menos cinco avisos de «PERIGO DE RUÍNA», «PERIGO — CUIDADO» ou «PERIGO — PROIBIDA A ENTRADA» no caminho até ali.

— Vá lá — disse a Nancy. — É por aqui.

Foram avançando com cuidado na direção da pesada porta de carvalho, que pendia das dobradiças superiores mesmo depois do átrio. Uma placa de bronze brilhava de maneira ténue por baixo

da grossa camada de porcaria que se tinha ali acumulado, mas a Nancy não precisava de a limpar para saber que aquela era a porta do escritório principal da funerária. Bastava ver a secretária maciça em frente das duas cadeiras almofadadas para perceber.

O Jonathan parou atrás dela, os passos cautelosos para evitar que o som ecoasse nas paredes nuas e lúgubres.

— Lanternas? — sussurrou ele.

— Lanternas — confirmou ela.

Em simultâneo, desligaram as lanternas.

E esperaram.

Esperaram. A Nancy já tinha *esperado* muito nos dois meses que haviam passado desde que o «terramoto» Vecna devastara Hawkins. Edifícios como aquele, tão perto das ramificações do Portal, tinham sido parcial ou totalmente destruídos. Assim como inúmeras vidas.

Os dias que se seguiram abalaram ainda mais a cidade. Um quarto da população de Hawkins fez contas à vida e fugiu. No lugar deles entrou o Exército dos EUA, que impôs um perímetro praticamente intransponível sob o pretexto de uma «quarentena». Passar aquele perímetro era quase impossível — só se conseguia com autorização especial, em entregas pontuais ou, muito recentemente, com ajuda humanitária.

E se os limites da cidade já eram vigiados ao milímetro, o centro de Hawkins estava praticamente sob lei marcial. Aquela que outrora fora a zona mais movimentada da cidade transformara-se numa zona militar de exclusão aérea. Assim que chegaram, os militares concentraram-se no epicentro da destruição causada pelo Vecna, o ponto onde os quatro Portais se haviam cruzado. Delimitaram um raio de vários quarteirões — uma espécie de buraco negro militar. Tudo o que se passava lá dentro era um mistério para todos os que viviam em Hawkins, incluindo a Nancy.

Tanta segurança. Tanta destruição. E mesmo assim — nem um *sussurro* do Vecna, desde que a Nancy lhe enfiara uma bala naquela cabeça nojenta e em decomposição.

Ele não pode esconder-se para sempre, repetiu para si mesma. *Vamos encontrá-lo*. Eu vou encontrá-lo.

Soava bem, como afirmação. A Nancy já a tinha usado vezes sem conta, em modo mantra. Mas as afirmações eram apenas palavras se não fossem acompanhadas por ações.

Era por isso que ela, o Jonathan, o Steve e a Robin tinham invadido uma agência funerária meio em ruínas, numa zona de desastre, às dez da noite. E era por isso que agora pestanejava na escuridão, de olhos presos à lanterna apagada, à espera do mais pequeno sinal de luz.

Não era a primeira vez que se via metida numa situação destas. Nem sequer era a primeira vez *neste mês*. Mas se queria encontrar o Vecna — e queria mesmo —, não ia ficar sentada à espera de que ele lhe batesse à porta. Se houvesse uma pista, um palpite, um *sussurro* — ela iria atrás.

Só gostava que os amigos partilhassem a mesma determinação.

— Nancy... — sussurrou o Jonathan, algures do outro lado da sala.

— Shhh. — *Ele não pode esconder-se para sempre*.

— Nancy. Ele não está aqui.

A Nancy manteve os olhos fixos na lanterna apagada. Sentia um vazio a crescer-lhe no estômago. Engoliu-o. *Vamos encontrá-lo*.

— Nancy...

Eu vou encontrá-lo.

— Ei, malta...

A Nancy quase *sentia* o feixe de luz da lanterna da Robin, enquanto este cortava o ar poeirento e lhe acertava mesmo nos olhos. Recuou, tentando proteger a vista.

— Ah! Robin!

— Olha o que eu encontrei. Ah, caraças. Desculpa, Nance. — A Robin baixou a lanterna o suficiente para não magoar os olhos da Nancy, mas permitindo descobrir um ramo de rosas brancas na sua outra mão. — A sala de arrumos está cheia disto — disse ela, abanando o ramo. Uma pequena chuva de pó caiu das folhas e das pétalas. — São todas falsas. Algum de nós sabia que os Farrier usavam flores de plástico?

— Podia dar um escândalo — comentou o Steve lá do fundo.

— Esta cidade tem coisas mais graves com que se preocupar do que umas flores de plástico — disse o Jonathan.

A Nancy passou a mão pelo ar poeirento, tentando não inspirar.

— Encontraram alguma coisa por aí?

— Zero. Nicles — disse o Steve. — Sala de recepção: nada. Sala de velório: nada.

— Sala de *velório*! — A Robin estalou os dedos. — Não me lembrava de como é que aquilo se chamava.

— Ainda lá está um caixão — disse o Steve. Andava a passar a lanterna de uma mão para a outra, mas pelo menos não a tinha ligado, evitando mais espetáculos de luz. — Está lá à frente.

— Urna — corrigiu a Nancy, instintivamente. *Cala-te, Nancy. Isso não interessa.* — Espreitaste lá para dentro?

No escuro era difícil perceber, mas a Nancy apostava que o Steve tinha empalidecido.

— *Tenho de o fazer?*

A Robin enfiou-lhe o ramo de flores contra o peito, deixando uma mancha de sujidade.

— Ela está a gozar contigo, ó banana. — Depois, virou-se para Nancy. — *Estás, não estás?... Nancy?*

Era tentador dizer-lhe que não, obrigá-lo a voltar à sala de velório — para dizer a verdade, a Nancy também não se havia

lembrado de como se chamava — e fazê-lo abrir o caixão, só mesmo para poderem dizer que não deixaram uma pedra por virar.

— Estou a gozar contigo — disse a Nancy.

— Estás a ver? — A Robin ia bater-lhe outra vez com as flores, mas a Nancy já se tinha metido entre os dois, de volta ao átrio, com a lanterna ainda apagada na mão. *Sentiu*, mais do que *viu*, o olhar do Steve a segui-la enquanto se afastava. Era como uma comichão no pescoço, como um eco a latejar nos ouvidos.

«Tu estás lá.»

«Sempre estiveste.»

Nunca mais tinham falado sobre aquilo desde esse dia. Depois do ataque ao Vecna, tinha acontecido o Eddie. Depois, a *Max*. Depois, o fim do mundo. E depois, o Jonathan tinha voltado. E, como seria de esperar, no meio de tanto caos, nenhum dos dois quis pegar naquela confissão atrapalhada e vaga do Steve sobre — seja lá sobre o que fosse.

Agora, dois meses depois, aquilo ainda pairava sobre os dois como um peso suspenso. Se ela tentasse ignorar esse peso, talvez não tivesse de pensar sobre... no que aquilo lhe fazia sentir.

Como estratégia, já tinha usado piores. E havia coisas mais importantes em que pensar. Como aquilo que os tinha trazido até àquela agência funerária interdita a meio da noite.

A lua estava quase cheia, e a luz que entrava pelas rachas da parede partida era suficiente para se conseguir ler. A Nancy tirou do bolso a nota de papel e estreitou os olhos para as palavras rabis-cadas, ignorando o logótipo do *Hawkins Post* estampado no topo.

Jeanine Farrier relata luzes a piscar, lia-se na letra miudinha da Margaret Benik. Vozes sem corpo. Farrier Funeral Home.

É isto, disse a si mesma, tentando agarrar-se à certeza entusiasmada que sentira de manhã, quando tinha surripiado a nota da secretária da Margaret. Nas últimas semanas, tinha estado

alerta, mas sem rumo — como todos os outros. O Hopper e a Onz tinham-se isolado na cabana do Hopper, tentando torná-la habitável de novo e escapando aos olhos dos seus novos superiores militares. A Joyce andava à procura de uma casa onde pudessem ficar todos juntos, agora que tinham regressado a Hawkins. O Mike, o Dustin, o Will e o Lucas andavam, supostamente, a arranjar maneira de a Onz circular sem ser apanhada, mas com a Max em coma no hospital, estavam presos numa nuvem de luto e choque de onde não conseguiam sair.

Ainda andavam a sentir os efeitos e as consequências da vitória do Vecna. O *terramoto* — a rutura do mundo — havia-os espalhado a todos como folhas ao vento, estando agora a tentar reencontrar-se. Um bocadinho difícil, quando nem sequer havia um lugar onde se pudessem começar a reagrupar.

Tudo bem. Não precisavam de um. Depois de semanas a vigiar tudo o que entrava no *Hawkins Post*, de ouvir cada lunático que telefonava para a rádio local... o trabalho da Nancy havia valido a pena. Alisou a nota da Margaret na palma da mão. *Luzes a piscar. Vozes sem corpo.*

Vecna. Tinha de ser. Devia estar escondido na agência funerária no Mundo Invertido, a cravar as suas presas psíquicas envenenadas em quem quer que se aproxime. E eles tinham-no encontrado.

Ele não pode esconder-se para sempre.

— Ele está aqui — disse a Nancy.

Os outros três haviam-se reunido no átrio, olhando agora para ela com expressões que iam do entusiasmo discreto ao ar condescendente de quem tem pena.

— Algures — continuou a Nancy. — Só temos de continuar à procura.

— Nance... — começou o Steve, num tom que talvez pretendesse ser reconfortante, mas que teve exatamente o efeito oposto.

— Quanto mais tempo ficarmos aqui parados a olhar uns para os outros, mais tempo isto vai demorar — cortou a Nancy, num tom seco, voltando a acender a lanterna. Depois, virou costas e seguiu em frente, decidida, com o Jonathan a acelerar o passo para a acompanhar.

— Nancy. Ei, espera aí — disse ele, quando passaram junto à porta aberta da sala de receção. — Sabes que eu até sou muito a favor de queres mandar o Steve dar uma volta...

— Eu não disse isso.

O Jonathan sorriu.

— Foi o que eu ouvi. E adorei. Mas ele tem razão. Já revistámos estas salas todas. O Vecna não está aqui.

A Nancy abanou o bilhete da Margaret à frente dele.

— Luzes a piscar. Vozes sem corpo.

— Este edifício está, tipo, meio destruído — disse o Jonathan. — Sabe-se lá o que se passa com a instalação elétrica... E as paredes já eram finas *antes* de se tornarem destroços. Se a dona Farrier ouviu vozes aqui, eram assim tão «sem corpo»? Ou estavam só, sei lá... *lá fora*?

A Nancy apertou vigorosamente o cabo da lanterna.

— Nós vamos encontrá-lo, Jonathan.

— Eu não estou a dizer o contrário. Vamos. Pode é não ser *esta noite*. Está bem?

O maxilar doía-lhe. Apercebeu-se de que estava a cerrar os dentes, a tentar prender um «não» com toda a força que tinha. Mas antes que este lhe saísse disparado da boca, quebrando a sua contenção...

— Hum, malta? — chamou a Robin.

A Nancy e o Jonathan viraram-se. A Robin estava junto à porta da entrada, com um ar sério. Fez um gesto com a cabeça, indicando o corredor junto aos escritórios.

— Vão querer ver isto.

Isto era uma porta larga com um letreiro a dizer **ACESSO EXCLUSIVO A FUNCIONÁRIOS**. Se a porta antes já estava meio escondida, agora, com duas das colunas decorativas da agência funerária tombadas à sua frente, tinha passado completamente despercebida.

— Vi-a quando estava a fazer mais uma ronda pela zona — explicou a Robin.

— Tropeçou numa das colunas — corrigiu o Steve. — Foi assim que a encontrou.

— Pronto, o *como* não interessa para nada — atalhou a Robin. A Nancy conseguia agora ver a marca no pó que correspondia à silhueta da Robin. — O importante é... *Olhem*.

Apontou. A Nancy seguiu a direção do dedo, examinando a silhueta das colunas e o contorno da porta naquela penumbra pesada. Durante um bom bocado, não viu nada fora do normal, pelo menos nada que justificasse o ar pálido da Robin.

Depois, nas frinchas da porta...

A luz começou a piscar.

A Nancy sentiu o coração na boca. Ao lado dela, conseguia ouvir o Jonathan a suster a respiração. Algures na escuridão, o Steve deixou escapar um palavrão baixinho.

— Estão a ver? — sussurrou a Robin.

— Ajudem-me a tirar estas colunas daqui — devolveu a Nancy, também em sussurro.

Os quatro juntaram forças e conseguiram arrastar os pilares caídos para o lado, abrindo caminho até à porta. Por cima deles, o que restava do telhado rangeu e mexeu-se, soltando mais uma chuva de pó. A Nancy tentou não pensar no que aquilo estava a fazer à estabilidade do edifício enquanto se endireitava, sacudindo as mãos nas calças.

A porta abriu-se quando a Robin puxou pelas maçanetas. O Steve estremeceu com o guinchar metálico das dobradiças empenadas.

— Jesus... — murmurou, já a apontar a lanterna para o interior.

Mas o que a luz revelou não foi outra sala. Nem sequer uma escadaria. Em vez disso, uma rampa inclinada estendia-se até às profundezas da agência funerária, desaparecendo na escuridão — uma escuridão interrompida, esporadicamente, pelo cintilar intermitente de uma luz invisível.

O cheiro inconfundível a formol subiu pelo ar, fazendo-lhes arder os olhos.

— Se o Vecna está mesmo lá em baixo — sussurrou a Robin — temos ao menos de lhe dar pontos pela coerência. Um gajo sinistro escondido numa *morgue*?

— Os Farrier levaram todos os seus... «clientes» embora depois do terramoto, certo? — perguntou o Steve. Ainda que a relutância se notasse na sua voz, estava já a descer a rampa, as solas dos ténis a chiar contra o azulejo.

Não se deixando ficar atrás, o Jonathan seguiu logo um ou dois passos atrás.

— Não, Steve — disse ele, em tom de gozo. — Aposto que isto está à pinha.

— Era só uma pergunta. Também não era preciso seres idiota — resmungou o Steve.

A Robin revirou os olhos para a Nancy.

— Poupa-nos da fragilidade do ego masculino, por favor.

— Quem me dera — respondeu a Nancy.

Ambas seguiram atrás deles, lado a lado na rampa.

— Boa descoberta, já agora — reforçou ela.

— Achei que, já que aqueles dois estavam ocupados a queixar-se de sono, *alguém* tinha mesmo de trabalhar. — A voz da Robin era

quase um sussurro, mas, mesmo assim, ecoava pelas paredes despidas, as palavras a dissolverem-se na escuridão cavernosa à frente deles. — E olha, eu sei que há bocado brinquei com a cena das funerárias, mas vou ser sincera: se algum de nós morrer aqui hoje, não vai ser *nada* conveniente. A minha mãe mata-me. Depois, perdemos a cerimónia de finalistas, e ela mata-me outra vez.

A Nancy sorriu.

— Deus nos livre.

Já estavam quase no fim da rampa. A Robin começou a abrandar, hesitante. A Nancy nem sabia se ela se apercebia disso.

— Só para confirmar — disse a Robin, com um leve gaguejo —, isto é só uma missão de reconhecimento, certo? Encontrar o Vecna, mas sem entrar em confronto?

A Nancy tentou parecer o mais segura e confiante possível.

— Como é que o iríamos confrontar? Ele está noutra dimensão.

— Tu arranjarias maneira — disse a Robin.

A fé, e o ligeiro medo, na voz dela era estranhamente reconfortante.

— Estamos só a explorar. O que quer que encontremos, levamos direto ao Hopper e à Onz. Prometo.

— Fixe. Fixe. — A Robin e a Nancy chegaram ao fundo da rampa. — Às vezes, é mesmo preciso confirmar.

Pisaram o chão da morgue e encontraram o Steve e o Jonathan a investigar, com todo o seu empenho, lados opostos da sala. O Jonathan passava o feixe da lanterna pelas lâmpadas fluorescentes do teto, enquanto o Steve mexia distraidamente numa bandeja de instrumentos metálicos que a Nancy tinha quase a certeza de serem usados para embalsamar. Generosamente, poupou-o a essa informação.

— Seguimos o mesmo plano — murmurou ela. — Luzes apagadas. Cada um cobre uma área diferente. Jonathan e Robin, vocês

ficam aqui. Steve, tu ficas naquela sala ali. — Apontou para uma porta ao fundo, através da qual se viam espelhos, maquilhagem, escovas de cabelo, tudo o que era preciso para tornar um cadáver apresentável. — Eu fico com os... frigoríficos.

O Jonathan espreitou o alinhamento de gavetas de alumínio que a Nancy acabara de indicar.

— Tens a certeza?

— Se virem alguma coisa fora do normal — continuou a Nancy, ignorando as dúvidas dele —, ou *ouvirem* alguma coisa fora do normal, *avise* logo. E se algum de nós deixar de responder aos outros...

— SOS — completou a Robin. — Então...

Apanhando a deixa, cada um tirou um *walkman*. A Nancy passou a lanterna por todos eles. *Check. Check. Check.*

— Ótimo — disse.

— Vamos apanhar este sacana — disse o Steve.

A Nancy assentiu com um gesto firme.

Mais uma vez, apagaram-se as lanternas.

Ao menos, lá em cima, ainda tinham o luar para se guiarem. Ali, nas entranhas da agência funerária, reinava a escuridão total. Ao primeiro passo, a anca da Nancy embateu num balcão invisível com força suficiente para deixar uma nódoa negra. Obrigou-se a respirar fundo, a controlar a dor repentina, e avançou *cuidadosamente*, orientando-se apenas pelo tato.

Claro — *claro* — que as luzes intermitentes que os tinham atraído até ali em primeiro lugar tinham desaparecido, e, no escuro, a Nancy ouvia cada som mínimo, cada arrastar de pés, como se lhe fosse gritado mesmo ao ouvido. Conseguiu entrar na sala de refrigeração, deixando para trás a cacofonia abafada da respiração distante dos amigos e o arrastar dos seus passos no chão de cerâmica.

Não era um espaço grande — ela sabia-o pela breve olhadela que conseguira dar antes de apagarem as lanternas. E parecia ainda mais pequeno no escuro, à medida que o silêncio se fechava à sua volta — silêncio que deixava demasiado espaço para as palavras do Jonathan lhe voltarem à memória.

«... Pode é não ser esta noite.»

Ele não tinha dito que a missão era inútil. Não a tinha chamado de idiota por os ter arrastado para aquela agência funerária interdita. Só tinha dito que... podia não ser *hoje*.

Não devia estar a afetá-la desta maneira. Não devia, *de certeza*, estar a deixá-la com aquele nó de pânico no estômago. Mas estava. E, infelizmente, a Nancy sabia exatamente porquê.

Três dias antes, recebera uma carta pelo correio — o dossiê de inscrição da Universidade de Emerson. Quando o folheara pela primeira vez, encontrara informações sobre as residências, cantinas, o mapa do *campus*, horários das aulas...

Era o futuro dela. O futuro com que sonhava há anos. Tudo o que tinha de fazer para o agarrar era preencher os papéis e enviá-los de volta antes do prazo limite — o fim de junho. Depois disso, estaria de partida de Hawkins.

A não ser que não conseguissem encontrar o Vecna.

Era esse o pensamento que não a deixava dormir. Porque seria impossível a Nancy abandonar Hawkins enquanto o Vecna andasse à solta. Nunca conseguiria viver consigo mesma se o fizesse. Se não conseguissem apanhá-lo, então a Nancy não iria para a universidade. E se não fosse, ficaria presa naquela cidade até ao fim dos seus dias — ou pior, até a vida da mãe se tornar a dela, e acordar um dia atrás de uma cerca de jardim branca.

Talvez estivesse a dramatizar um bocadinho. De qualquer forma — a Nancy obrigou-se a inspirar fundo —, não era como se tudo aquilo fosse mesmo acontecer. *Ele não pode esconder-se para*

sempre, repetiu para si mesma. *Nós vamos encontrá-lo*. Eu vou encontr...

A luz do teto tremeluziu.

Cada gota de sangue no corpo da Nancy gelou.

— Ei — sussurrou. — Ei. Malta.

Ninguém respondeu, e ela não se atreveu a desviar os olhos da lâmpada fluorescente que tremia para confirmar se a tinham ouvido.

— Ele está aqui — insistiu num sussurro tenso. Depois, segurando a lanterna apagada como se fosse uma tocha sem chama, deu um passo na direção da luz intermitente...

Precisamente no instante em que esta se apagou.

— *Merda* — murmurou para a escuridão. — Onde raio te meteste?

Um barulho abafado de movimento chegou da sala de embalsamamento atrás dela — vozes baixas, o Jonathan e a Robin a cochicharem sobre qualquer coisa. A Nancy já se voltava para os verificar quando...

Lá estava.

Outra luz a piscar. Desta vez a poucos passos dos gavetões refrigerados.

— Malta! — chamou de novo, mais alto.

— Nance? — respondeu a Robin. — Talvez queiras...

— Eu encontrei-o! — interrompeu a Nancy, avançando em direção à luz. — Ele está aqui!

— Ele está... o quê? — Seguiu-se outra troca sussurrada entre o Jonathan e a Robin. Mas havia também outro som a vir daquela direção, o ranger ritmado de algo que soava... a metal?

De novo, a luz intermitente apagou-se. Mas a Nancy já estava em cima dela. Ela ficou imóvel, a olhar para a escuridão... *à espera*.

O rangido metálico não abrandava — na verdade, os ruídos estavam a ficar mais altos, mais longos. Mas não abafavam o som dos passos arrastados que anunciavam a aproximação da Robin.

— Disseste que ele está aqui?

A Nancy não se mexeu.

— Repara nas luzes — disse ela.

— Nas luzes? Ah...

— *Olha.*

E sim, outra lâmpada tinha começado a piscar.

— É ele. Apanhámo-lo — concluiu ela.

A Nancy avançou de rompante, tropeçando na direção da luz que intermitia, erguendo a lanterna para apanhar a confirmação que sabia que vinha...

— Espera, Nancy — balbuciou a Robin.

Na sala de embalsamamento, atrás dela, o estranho ranger metálico atingiu o auge quando algo cedeu... e caiu com estrondo no chão de azulejo.

Mas a Nancy mal registou o barulho, porque tinha chegado à lâmpada fluorescente enfraquecida, ficando mesmo debaixo dela — *exatamente onde o Vecna estava, no Mundo Invertido.*

Só que a lanterna dela continuava teimosamente apagada. *Morta.*

— O quê... — murmurou a Nancy.

— Jonathan, espera aí um segundo — respondeu a Robin na direção da sala de embalsamamento.

A resposta do Jonathan ecoou nas paredes nuas.

— O que é que disseste?

— Eu disse...

A Nancy ergueu o olhar para a lâmpada por cima dela. Ainda vacilava, ainda lançava explosões de brilho pela sala deserta. Ela semicerrava os olhos, a tentar ver melhor.

— Acho que percebi! — gritou o Jonathan.

— Não, espera — disse a Robin, mas já se ouvia o estalido mecânico de algo a encaixar-se debaixo dos dedos do Jonathan.

— Nancy!

E foi o único aviso que a Nancy recebeu antes de o mundo dela ser engolido por uma supernova.

— CAPÍTULO DOIS —

— **S**enhoras e senhores da turma de 1986, amigos e família, professores e direção, *bem-vindos*.

O diretor Higgins estava atrás do púlpito no pequeno palco, de braços erguidos, a sorrir como se estivesse a ser pago para aquilo. Talvez até estivesse. Provavelmente, era a primeira vez que a Nancy o via sorrir desde o discurso de «Boas-vindas aos Caloiros», há quatro longos anos.

Mexeu-se na desconfortável cadeira dobrável, a resistir à tentação de mexer na franja. O cheiro persistente de cabelo chamuscado devia estar disfarçado com uma generosa borrifadela do *Anne Klein* da mãe, mas não tinha a certeza absoluta. Pelo menos, sentia alguma confiança de que a hora que passara a retocar maquilhagem ao espelho nessa manhã tinha servido para disfarçar as pequenas queimaduras que lhe salpicavam o lado direito da cara.

— Estás com péssimo ar, Wheeler.

Talvez a sua confiança fosse excessiva.

A Nancy lançou um olhar de relance ao Seth Travers, o vizinho de cadeira que a ordem alfabética lhe tinha dado. Membro da medianíssima equipa de luta greco-romana da Secundária de Hawkins, o Seth era mais uma barreira humana do que um vizinho. A sua cabeça descomunal era capaz de tapar o sol e, com a ajuda do capelo, conseguia mesmo fazê-lo.

— Chiu — sibilou ela, voltando o olhar para o palco.

— Permitam-me ser o primeiro a felicitá-los por esta conquista incrível — dizia o diretor Higgins. — A formatura não é um feito pequeno, sobretudo quando o mundo em que estão prestes a entrar é tão caótico e incerto como este.

O Seth parecia não ter o mínimo interesse nas banalidades do Higgins.

— O que é que te aconteceu?

Arrastei os meus amigos para a cave de uma funerária interdita porque umas luzes intermitentes me disseram que podia haver um vilão interdimensional lá em baixo. A Nancy não o disse. Depois, o meu namorado mexeu num quadro elétrico estragado e explodiu uma cablagem enferrujada. Mesmo na minha cara.

— Nada — rosnou a Nancy.

Mas se quatro anos a ser sufocado por outros atletas muscudos não o tinham abalado, também não seria o tom gélido da Nancy a fazê-lo.

— Andaste a brincar com petardos? — disse ele, abanando a cabeça com um ar sábio. — Já passei por isso.

— Pois. Claro, Seth. — A Nancy encolheu os ombros por baixo da bata de finalista. — Petardos. Porque não?

Entre o ardor das sobranceiras e a vergonha visceral por causa da noite anterior, tinha havido um momento, nessa manhã, em que a Nancy chegou mesmo a considerar faltar à cerimónia. A ideia de aturar uma hora do discurso monocórdico do Higgins — já para não falar do olhar de cão abandonado do Jonathan, que dizia *desculpa por te ter queimado a cara* — não ajudava em nada.

Mas quando saiu da cama, já com a desculpa da garganta inflamada preparada, deparou com a bata de finalista pendurada na porta do quarto. O tecido verde horrível fez-lhe nascer uma

excitação borbulhante por dentro e, por um instante, foi quase como se pudesse... *saborear* o seu futuro.

Estou quase a sair daqui, pensara enquanto lavava a cara, penteava o cabelo e enfiava um vestido. *Está quase. Estou quase a ir-me embora.*

Soara a uma promessa, quando puxara a bata de poliéster es-corregadia pelos ombros e apertara bem o capelo sobre a cabeça, tentando disfarçar ao máximo os vestígios das aventuras da noite anterior. Fizera então a sua grande entrada na cozinha, onde a mãe se desfez em exclamações e lágrimas, o pai a apertou num abraço e o Mike resmungou por ser obrigado a usar gravata na cerimónia. Saboreara o momento, gravando-o na memória — até os laços tortos no cabelo da Holly e o fio de xarope de ácer a escorrer da pilha de panquecas. E agora...

Estava ali, sentada ombro a ombro com os colegas de turma, debaixo do sol escaldante de junho, no meio do campo de futebol, com uma gota de suor a deslizar-lhe pelas costas.

Não era propriamente uma multidão, tendo em conta as circunstâncias — as famílias que tinham abandonado Hawkins depois do terramoto do Vecna tinham levado também os seus finalistas. Mesmo assim, a turma de 1986 ainda era suficientemente numerosa para encher uma dezena de filas de cadeiras dobráveis, desde que essas filas não fossem demasiado compridas.

— Mas antes de darmos início a esta... iniciação — recitou o diretor Higgins, fazendo uma pausa presunçosa para ouvir a risadinha obediente que arrancou das bancadas —, vamos dedicar um momento a recordar os colegas que não puderam estar aqui conosco hoje. Os colegas que partiram demasiado cedo.

A Nancy já esperava que o Higgins dissesse algo do género, mas isso não impediu a onda gelada que a atravessou ao ouvir...

— Barbara Holland.

A onda atingiu o auge. A Nancy estava submersa. Afogava-se no mesmo mar de memórias que a arrastava sempre que pensava na Barb — na vida que tivera antes de a melhor amiga ser apagada da face da Terra.

Havia, algures, um universo onde isso não acontecera. Onde a Nancy estaria agora sentada naquela desconfortável cadeira dobrável, ao sol abrasador, no dia da graduação, rodeada por filas cheias de alunos. Onde poderia encontrar o sorriso cúmplice da Barb umas filas mais à frente, para que as duas pudessem revirar os olhos em uníssono perante o monólogo torturante do Higgins.

Mas esse não era este mundo. Agora, a Nancy só podia fechar os olhos e ouvir o Higgins declamar, nome após nome, cada tragédia que se abatera sobre Hawkins nos últimos três anos.

— Heather Holloway. Samuel Rivers. Nathan Chu.

Sammy e Nate — o centro comercial?

— Christine Cunningham. Fredrick Benson.

O Fred. Aquele pobre idiota.

— Patrick McKinney. Jason Carver.

Não houve qualquer menção ao Eddie Munson.

Na primeira fila, entre os bês, a Robin e o Jonathan voltaram-se para a olhar. Foi reconfortante ver o mesmo pesar, a mesma raiva, espelhados nas suas expressões. *Salvas Hawkins e qual é a tua recompensa? A cidade inteira amaldiçoa o teu nome ou tenta esquecer que alguma vez exististe.*

— Cada um desses alunos caminha entre vós hoje — continuava o Higgins. — Podem não estar aqui em carne e osso, mas estão em espírito. E estarão sempre nos nossos corações, enquanto membros do corpo docente da Secundária de Hawkins.

O silêncio que se seguiu foi entrecortado por fungadelas abafadas. Para surpresa da Nancy, também ela sentia lágrimas a surgirem-lhe nos olhos — não pelas palavras ocas do Higgins, mas

pelo facto de, mesmo sem o Eddie, a lista de nomes recitados ser tão longa.

— *Olha aí!* — sussurrou o Seth Travers de repente.

A Nancy fulminou-o com o olhar... Ela não tinha *feito* nada. Mas não era para ela. O Seth estava a rosnar para o rapaz do outro lado. A Nancy espreitou-lhe por cima do ombro, inclinando-se para tentar perceber quem era o culpado, e encontrou um miúdo magricela enterrado na cadeira — tão enterrado que parecia prestes a escorregar dela.

Não devia ter demorado tanto tempo a lembrar-se do nome dele, ainda para mais com o tamanho reduzido da turma de finalistas. Mas a Nancy conseguia, provavelmente, contar pelos dedos de uma mão as vezes em que tinha reparado, de facto, na existência do Joey Taft. Normalmente, ele não passava de uma sombra *nerd*, curvado sob o trombone gigante que carregava pelos corredores da escola. Ela devia ter previsto que iam ficar sentados perto um do outro na cerimónia. Mas, até este momento, a Nancy nem se lembrava de que eles andavam na mesma escola, quanto mais que partilhavam a mesma secção do abecedário.

— *Se não te acalmas, parto-te a boca* — murmurou o Seth para o Joey, e agora a Nancy percebeu porquê. O Joey não parava quieto. Uma perna tremia sem parar, e a mão dele não largava a ponta da manga. Até o olhar dele era inquieto. Os olhos saltavam de um lado para o outro, para o palco, para o chão, para o céu, para as bancadas, só para voltar logo de seguida ao palco outra vez.

Aquele comportamento puxou qualquer coisa lá do fundo da memória da Nancy. Ela semicerrava os olhos, a tentar localizar a lembrança.

Mas, antes que conseguisse, a voz do diretor Higgins ribombou pelas colunas com nova reverberação.

— Hoje, temos um orador convidado muito especial para esta cerimónia — anunciou. — Alguém que também é da Secundária de Hawkins, Tiger de corpo e alma. Desde que se formou, já trabalhou em muitos dos maiores escritórios de advocacia do país... mas o que realmente a cimentou no coração de pessoas em todo o país foi a associação sem fins lucrativos que fundou há 15 anos. Senhoras e senhores, turma de 1986, façam barulho para dar as boas-vindas à CEO da Hearth & Home... Georgia Miller, da turma de 1962!

A apresentação caiu sobre a assembleia como uma bomba. A Nancy conseguia ver as ondas a formarem-se e a espalharem-se a partir do palco. Os finalistas de bata e capelo inclinavam-se uns para os outros, a murmurar *Ela é de Hawkins? Há alguém famoso que é de Hawkins?*

E a Nancy também não era imune ao impacto. Esticou-se na cadeira, a praguejar em silêncio pelo facto de o apelido a ter atirado para o fundo da multidão — e de o Jeremy Porter, na fila da frente, ser tão incrivelmente alto. No esforço de ver melhor, inclinou-se demasiado para o lado, invadindo o espaço pessoal delicado do Seth. Mas, desta vez, ele nem reagiu. Os olhos estavam pregados no palco como os de toda a gente, fixos na mulher que se levantava de uma das cadeiras do corpo docente (acolchoadas, ao contrário das dos alunos) e avançava graciosamente até ao microfone.

— Porra — murmurou o Seth, em tom de admiração. — Ela é toda boa.

Frases neandertais à parte, o Seth tinha razão. A Georgia Miller não devia ter mais de 1,60 m, mas conquistava a atenção de toda a plateia antes mesmo de abrir a boca. O cabelo castanho-escuro e comprido estava apanhado num coque na nuca, e os óculos de aros finos, empoleirados no alto do nariz, realçavam os olhos em

vez de os esconder. Até o fato cinzento-carvão era de cair para o lado; a Nancy tinha a certeza de que alfaiataria daquela qualidade não existia em lado nenhum num raio de 80 quilómetros de Hawkins.

Mas não era só a moda que punha a Nancy na ponta da cadeira. A *Hearth & Home* (H&H) era o nome no mundo do apoio habitacional sem fins lucrativos e, embora há uns meses isso não significasse grande coisa para a maioria das pessoas de Hawkins, no mundo pós-Vecna, a H&H estava em *todo o lado*. Os seus cartazes tinham sido afixados em casas e negócios por toda a cidade. Já eram tão comuns que a Nancy apostava que conseguia desenhar um de memória — *Hearth & Home* em letras amarelas enormes, sobre a imagem de uma típica casa e família americana. *A Salvar Cidades. A Mudar Vidas.*

Piroso? Talvez. Mas nas semanas que se seguiram ao «terramoto», depois das latas de conserva terem sido doadas e os estragos contabilizados, a área que tinha ficado *seriamente* afetada era a da habitação. As pessoas queriam voltar para as suas casas — ou, não sendo possível, para uma casa *qualquer*. E foi aí que entrou a H&H.

Como organização sem fins lucrativos, a H&H tinha conquistado fama como a salvação das zonas de catástrofe por todos os Estados Unidos. Chegavam, reparavam o que podia ser reparado e construía de raiz quando não havia volta a dar. Quando Hawkins se tornou o seu novo projeto, fizeram um contrato com os militares que ocupavam a cidade para a salvar de si mesma. E, desde que tinham chegado, tinham-no conseguido. A Nancy conseguia enumerar, de cabeça, pelo menos meia dúzia de famílias cujas casas tinham sido recuperadas pela H&H. E agora descobria que a pessoa responsável por aquela empresa — a *mulher* responsável por aquela empresa — era natural de Hawkins?

Estou quase a sair daqui, repetiu outra vez para si mesma. Estava muito consciente de como a sua atenção estava fixada na Georgia Miller. Parecia que tinha aparecido um alvo no horizonte, que não estava lá antes. Como se, de repente, tivesse para onde apontar.

— Eu não queria voltar a Hawkins. — A voz da Georgia Miller era grave e irónica, mas chegava clara ao campo de futebol. — O meu negócio é a tragédia. Tornados, *tsunamis*, fogos florestais, nevões... Com a H&H, já vi de tudo. Testemunhei a devastação que forças fora do controlo humano podem infligir a uma comunidade. Eu sabia que, se algum dia voltasse a Hawkins, seria provavelmente porque tinha acontecido o inimaginável. E a ideia de isso acontecer à cidade que me criou era... bem, era algo que eu nem queria considerar.

Mais uma vez, a Nancy foi assaltada por um *flash* desse universo alternativo. *A Barb, viva e feliz. A cidade, inteira e inocente.* Remexeu-se na cadeira, desconfortável, enquanto as palavras da Georgia lhe pareciam como murros no estômago.

No palco, a Georgia estendeu as mãos.

— E depois, como sabem, o inimaginável aconteceu. Quando ouvi falar daquele terrível terramoto, soube imediatamente duas coisas: a primeira era que ia voltar a Hawkins; e a segunda... bem, vou partilhar convosco um pequeno segredo. — Aproximou-se um pouco mais do microfone. — Quando eu tinha a vossa idade, na era pré-histórica de 1962, estava muito assustada. Lembro-me de estar sentada exatamente onde vocês estão, na minha própria cerimónia de formatura, a pensar *Certo, mas o que é que vem a seguir?* Tinha passado os primeiros 18 anos da minha vida dentro dos carris e ia saltar fora pela primeira vez. Sim, ia para a universidade, mas o que é que me esperava lá? E depois de me formar, o que acontecia?

A Nancy viu os ombros do Jonathan encolherem-se e subirem até às orelhas. Não tinha a certeza, mas pareceu-lhe que ele lançou um olhar rápido na sua direção. Quando ela semicerrou os olhos para tentar apanhar-lhe o olhar, ele imobilizou-se, fixando a atenção na sua frente, de novo.

A Georgia abanou a cabeça.

— Parecia que havia uma estrada à minha frente feita apenas de perguntas. E eu não gostava nada disso. Não sabia como lidar com isso.

Um agitar desconfortável ganhava vida no estômago da Nancy. Soltou um suspiro longo e baixo, na esperança de abafar aquela sensação. Não resultou.

— Vou poupar-vos à angústia toda — continuou a Georgia — e vou saltar logo para o fim. Porque esse é o meu segredo. Se souberem o vosso destino, então tudo o que acontece pelo caminho não passa de... coisas que acontecem. Torna-se muito menos importante e muito menos assustador do que nós achamos. Vivam como se o vosso futuro fosse certo, e então ele será.

«Vivam como se o vosso futuro fosse certo.» Na boca da Georgia soava tão bem. Tão reconfortante. Aquelas palavras fizeram mais por acalmar o turbilhão dentro da Nancy do que qualquer exercício de respiração meditativa alguma vez faria.

— Mas o que tem isto que ver com Hawkins? — perguntou a Georgia. — O que tem isto que ver convosco, turma de 1986? Estão a entrar na vida adulta num momento extremamente caótico, não consigo pensar em nenhum outro período tão instável na história desta cidade. Por isso, aqui vai a segunda coisa em que pensei quando ouvi falar do terramoto: *Hawkins vai ultrapassar isto.*

Ele não pode esconder-se para sempre.

— Eu sei disso — disse a Georgia. — E acho que vocês também sabem.

Estou quase a sair daqui.

— E por isso estou a pedir-vos — anunciou a Georgia, a voz a subir de tom —, turma de 1986, amigos, família, que vivam como se já tivéssemos ultrapassado isto. Porque, se o fizermos, não vamos precisar de ter esperança de que o futuro seja brilhante. Vamos sabê-lo. Porque ele já cá está.

Ela ergueu as duas mãos.

— Parabéns, Tigres de Hawkins. Mal posso esperar para ver como vão mudar o mundo.

Mesmo à sua frente, a poucos centímetros, estava um pedaço de papel meio enterrado no lodo. A Nancy quase o ignorou enquanto se levantava — só mais um bocado de lixo —, mas, no momento em que desviou o olhar, um alarme soou na sua cabeça. O mesmo alarme que ouvira quando a notícia dos ratos estranhos tinha chegado à redação do *Hawkins Post*. O mesmo que lhe tilintara nos ouvidos quando o Wayne Munson lhe contou a história do Victor Creel. *Há aqui qualquer coisa. Vê com mais atenção.*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

  [penguinkidspt](#)

ISBN: 978-989-589-469-7



9 789895 894697